

O sexto número da **Sala Preta** coincide com a oficialização do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP. Se a revista nasceu acolhida pelo Departamento de Artes Cênicas da USP, representando a área de Artes Cênicas no antigo Programa de Artes da ECA, agora se torna, efetivamente, a revista do mais novo Programa de Artes Cênicas no país. Essa mudança só reforça nossa disposição de prosseguir veiculando a produção mais expressiva na pesquisa brasileira em Artes Cênicas, bem como de continuar estabelecendo diálogos com a reflexão que ocorre nessa área no mundo todo.

Esta edição dá continuidade à estratégia que vem sendo desenvolvida desde o primeiro número, a de eleger alguns temas específicos e em torno deles reunir as pesquisas mais relevantes em curso. Assim, na retranca que abre a revista, apresenta-se um conjunto de dez artigos que esmiúçam sob diversas perspectivas as relações entre o circo e o teatro. Eles foram selecionados por um renomado especialista no tema, o professor, pesquisador e artista egresso do circo, Mário Bolognesi, que procurou coligar uma amostra representativa da reflexão contemporânea em torno do circo e de suas correlações com o teatro. É o próprio Bolognesi quem delimita o campo no artigo que abre a seção, propondo uma discussão atualíssima em torno da idéia do chamado “novo circo”. Na seqüência, num exemplo eloqüente do dinamismo da pesquisa em artes no Brasil hoje, Daniele Pimenta, circense, atriz e pesquisadora, discute as diferenças e semelhanças entre as práticas dos atores nas companhias de teatro e dos artistas no circo. As relações umbilicais entre o circo e o teatro são retomadas nos artigos de André Carreira sobre a formação do teatro argentino, de Ermínia Silva sobre as dificuldades de Arthur Azevedo em aceitar a utilização dos teatros cariocas para a apresentação de espetáculos circenses, e no de Paulo Merísio sobre a influência mútua entre o circo-teatro e as formas de teatralidade popular a partir do exemplo do melodrama. Daniel Marques apresenta um perfil biográfico do mítico palhaço Benjamin de Oliveira, revelando sua condição de artista múltiplo e os preconceitos da cultura oficial contra ele, e Renato Ferracini discute, do ponto de vista do teatro contemporâneo e das pesquisas do Lume, a fenomenologia corporal do palhaço. Ainda, Felizberto Sabino da Costa esmiúça as origens e os desenvolvimentos do uso de máscaras no teatro brasileiro, e Rubens Brito e Berenice Raulino explicitam as influências do circo sobre grupos de teatro paulistanos nas décadas de setenta e oitenta do século passado.

Como já ficou consagrado nos números anteriores da revista, **Sala Preta** sempre traz um dossiê sobre algum dos espetáculos mais relevantes daquele ano. Desta vez o foco recaiu sobre *Pedra do Reino*, último espetáculo do Centro de Pesquisa Teatral do Sesc de São Paulo, dirigido por Antunes Filho. Depois de uma quarentena de vinte anos, na expectativa de conciliarem-se as visões do encenador com as do autor do romance homônimo, o poeta e dramaturgo Ariano Suassuna, o espetáculo finalmente veio a público em 2006. A recepção calorosa de público e da crítica, bem como a incomum circunstância de um espetáculo pronto esperar duas décadas para florescer em cena, não só justificam que se apresente aqui um registro visual do mesmo a partir das fotos de Adalberto Lima, como ensejaram que se realizasse uma longa entrevista com Antunes Filho. Para apresentar o dossiê, que inclui as críticas de Mariângela Alves de Lima e de Sérgio Sálvia Coelho publicadas na imprensa de São Paulo, convidamos a crítica Ilka Marinho Zanotto. Estudiosa que acompanha a trajetória do encenador desde os seus primórdios, e responsável pela sua aproximação de Ariano Suassuna, Ilka narra em detalhes a saga que resultou na montagem de *Pedra do Reino* e traça um balanço crítico sobre a obra de Antunes Filho.

Processo colaborativo é a terceira retranca, que aborda um dos temas mais recorrentes em estudos acadêmicos recentes no país. Para abordá-lo foram selecionados quatro artigos

que têm em comum, além do objeto, o fato de refletirem pesquisas de mestrado e de doutorado em curso. Antônio Araújo, que com sua Companhia, Teatro da Vertigem, foi o principal responsável pela difusão dessa prática criativa na maioria dos grupos brasileiros hoje, tenta sistematizar esse procedimento e desfazer mal entendidos quanto a ele. Seu foco é o primeiro espetáculo da Companhia, *Paraíso Perdido*, quando as sementes dessa prática fecunda foram lançadas. Miriam Rinaldi, que integrou o Teatro da Vertigem desde *O livro de Jó*, discute o processo colaborativo na perspectiva do ator, investigando principalmente como se dá a criação de personagens no espetáculo *Apocalipse 11.1*. Nina Caetano aprofunda as implicações teóricas dessa prática, com ênfase nas questões da autoria dos enunciados cênicos e no aspecto polifônico que elas acarretam. Finalmente, Rosyane Trota faz uma revisão histórica dos processos de criação coletiva em outros tempos para tentar estabelecer uma diferenciação frente aos atuais processos colaborativos.

A retranca Teatro e Política procura aglutinar a reflexão mais recente sobre as indissociáveis dimensões da cena e da vida pública, bem como expressar uma tendência, flagrante no teatro brasileiro de hoje, de grupos que retomam a luta política como eixo de seus trabalhos. Coordenada por Sérgio de Carvalho, dramaturgo, encenador e pesquisador que se destaca nessa vertente, a seção é aberta pela transcrição de palestra por ele realizada em evento de homenagem a Roberto Schwartz. Comentando a opinião de Schwartz acerca da atualidade de Brecht a partir da evocação de Anatol Rosenfeld, localiza a mesma no contexto do pensamento de Adorno e, ao fazê-lo, propõe uma instigante perspectiva de leitura da tradição brechtiana. Em contraponto que exemplifica a proposição teórica de Carvalho, seu parceiro na Cia do Latão, Márcio Marciano, faz um estudo crítico sobre o espetáculo *O Circulo de Giz Caucasiano*, montagem em que a Companhia encena pela segunda vez um texto integral de Brecht. Em seguida, Iná Camargo Costa expõe todo o seu inconformismo apresentando uma leitura radical da conjuntura mundial, o que serve de pano de fundo para apontar os grupos teatrais em São Paulo que vem trilhando uma senda de engajamento político. Fechando a retranca, o dramaturgo, encenador e pensador do teatro, Augusto Boal, parte da vida uterina dos seres humanos para desenvolver uma diferenciação entre pensamento sensível e pensamento simbólico. Como corolário dessa reflexão, que remonta às origens do termo estética, Boal situa o seu Teatro do Oprimido e explicita como ele articula arte e política.

A seção Livros traz resenhas sobre duas publicações recentes. Elisabeth Azevedo comenta o lançamento de *Dicionário do Teatro Brasileiro-temas, formas e conceitos*, que reuniu a colaboração de 39 pesquisadores num esforço sem precedentes no país. Sílvia Fernandes discute as idéias de Maria Lúcia Barros Pupo em seu *Entre o Mediterrâneo e o Atlântico – uma aventura teatral*, desde já obra referencial no campo do Teatro Educação.